

## ANTONIA PEREIRA BEZERRA<sup>1</sup>

**A presente** edição dos Cadernos do GIPE-CIT traz importantes e oportunos temas e questões amplamente debatidos, por ocasião do *I Encontro sobre Arte, Gênero e Diversidade*, que teve lugar no Terreiro da Casa Branca, em Salvador, nos dias 26, 27 e 28 de julho de 2018. O evento envolveu docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA), do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC/UFBA), do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA), da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e da Universidade Nacional Autônoma da Cidade do México (UNACM).

Honrando a diversidade reivindicada no título, o evento contou, ainda, com a participação, em mesas redondas e rodas de conversas, de representantes do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas/Salvador (GRUMAP), representantes do Terreiro da Casa Branca/Salvador, além de reconhecidas atrizes da cena soteropolitana. Essa primeira versão do Arte Gênero e Diversidade teve apoio do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/PROEX). Diverso não só no conteúdo, mas também em seu formato de organização, o *I Encontro sobre Arte, Gênero e Diversidade* acolheu conferências sobre (trans)femicídios, riso, cena e feminilidade, negritude, oficinas de corpo, música e gênero, performances cênicas e musicais, reunindo teórica(o)s, artistas e ativistas de questões tão oportunas e emergentes acerca da identidade de gênero.

<sup>1</sup> Atriz e dramaturga, graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (1992); Mestre (DEA) em Litterature Française pela Université de Toulouse II, Le Mirail (1994); Doutora em Lettres Modernes pela Université de Toulouse II, Le Mirail (1999) e Pós-Doutora em Dramaturgia pela Université du Québec à Montréal - UQAM (2006). Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA) por duas gestões consecutivas - biênios 2007/2009 e 2009/2011; Coordenou a Área de Artes/Música na CAPES de abril de 2011 a abril de 2018. Atualmente é professora Associada IV da Universidade Federal da Bahia, integra os Grupos de Pesquisa DRAMATIS e GIPE-CIT.



Nesse espírito, nas páginas que se seguem, o leitor se deparará com abordagens sobre gênero e identidade de gênero, problematizadas na perspectiva dos debates feministas contemporâneos, impulsionadas por importantes diálogos com universos distintos; favorecendo profícuos intercâmbios com teórica(o)s e/ou profissionais da música, do teatro e da performance.

Assim, logo no primeiro capítulo, a pesquisadora feminista, musicista e compositora, Laila Rosa, nos apresenta com suas “Poéticas sonoras de dissidências e “reXistências”, examinando criticamente “os (trans)femicídios e racismos epistêmicos e musicais no Brasil”; nos convidando a discutir a relevância das abordagens e vivências *reXistentes* de corpos periféricos que foram e continuam “deslocados” e “fronteiriços”, compondo espaços de *reXistência* ao racismo e (trans) feminicídios epistêmicos em música. Em seguida, “O Corpo ancestral da atriz negra nas artes cênicas da cidade de Salvador”, Yasmin Nogueira e Onisajé (Fernanda Júlia), ambas doutorandas do PPGAC/UFBA, exortam à reflexão sobre a incômoda invisibilidade das atrizes negras na cena teatral da cidade de Salvador. Interrogando o “Pretérito do presente na ordem patriarcal”, Bárbara Pontes, Doutora pela UCSAL e Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, Docente e Pesquisadora da UCSAL, dissecam o conceito de patriarcado, considerando a polissemia que o reveste e as variações do mesmo em diversos autores e teorias.

Em “El Espectáculo de la violencia o la política del miedo: de los feminicidios a la violencia generalizada en México”, Mariana Berlanga Gayon, Professora da Universidade Autônoma da Cidade de México, nos relata a propagação da violência naquele país, nos últimos dez anos, ressaltando o assassinato de mulheres da Cidade Juárez, Chihuahua e evidenciando a reprodução da violência sobre os corpos mais frágeis, como ponto alvo para se propagar uma política do medo.

Já Simone Requião, Doutoranda do PPGAC/UFBA, em “Teatro no Cárcere Feminino”, discute a diversidade e singularidade das relações interpessoais no espaço de restrição em Salvador: Conjunto Penal Feminino (CPF), dialogando com e sobre as mulheres presas na perspectiva político-criativa do Teatro das Oprimidas (Bárbara Santos e Augusto Boal). Com “Encenando gênero em espaço de confiança”, de Joice Sangolete, Mestre pelo PPGAC/UFBA e Antonia Pereira, Docente e Pesquisadora do PPGAC/UFBA, o leitor se aproxima de “experiências pedagógicas do teatro com adolescentes” a partir da aplicação de técnicas do Teatro do Oprimido, em diálogo com questões de gênero, sexualidade e raça, bem como com a problematização de conceitos como transexualidade, gênero e identidade.



No penúltimo capítulo, a Doutoranda Júnia Pereira (PPGAC/UFBA e FGD) analisa a montagem de “Judith e sua sombra de menino” e reflete sobre a “recepção de espetáculo teatral em escolas de ensino fundamental de Dourados/MS”, questionando as dificuldades e procurando perceber não só os limites, mas também as possibilidades da abordagem de questões de gênero nas escolas. Finalmente, em “Corpos diferenciados em Performance”, Felipe Monteiro, Doutor pelo PPGAC/UFBA, examina os conceitos de “corpo, diferença e ativismo”, e nos lembra da importância da participação e presença insubordinada dos performers com corpos diferenciados, enquanto criadores, criaturas e criações no campo da arte da performance.

Interrogando a noção de gênero em sua interseccionalidade e diversidade, como repetição de atos, gestos e signos do âmbito sociocultural que reforçam a construção dos corpos para além do binarismo masculino e feminino, a presente versão dos Cadernos do GIPE-CIT fornece uma significativa amostragem das reflexões e problemáticas encampadas por pesquisadoras, artistas e ativistas de questões tão oportunas e emergentes, nos sinalizando, com suas reflexões, que:

- Gênero e identidade não são criações ideológicas, são constructos sociológicos e culturais;
- A violência contra os corpos que escapam dos padrões regulatórios e das tecnologias hegemônicas do poder existe e, quando não aniquila, condena à exclusão muitos homens e mulheres;
- A violência contra o gênero não causa apenas exclusão e opressão, mas também aniquilamento de sujeitos e de suas identidades.

Proporcionar ao leitor uma amostragem desses importantes debates, cristalizados aqui, na forma de artigos, poderá fornecer, se não ferramentas concretas, no mínimo elementos e motivação para refletir sobre políticas e condutas de enfrentamento das diversas opressões de gênero e de identidade. O aporte destas discussões e a consequente exortação à reflexão legitimam e tornam oportuna a presente edição dos Cadernos do GIPE-CIT.